



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Departamento de Projeto, História e Teoria da Arquitetura e Urbanismo

# IMPLEMENTANDO O DESENHO URBANO

PA 8

Luciane Tasca

# Planejamento Urbano x Arquitetura: Desenho Urbano?

- Vimos como o contexto de mudanças dos anos 60 refletia uma insatisfação geral com o ambiente construído. Isto evidentemente refletia-se no Planejamento e na Arquitetura.
- Após a 2° GM a demanda por planejadores aumentou devido à necessidade de reconstrução das cidades. Com o Estado envolvido nos esforços de reconstrução e reestruturação econômicos, e com o desenvolvimento do sistema capitalista, necessitava-se de planos, principalmente econômicos e de investimentos.
- Fundaram-se nos EUA os 1° os cursos de pós-graduação (Civic Design), em meados dos anos 50, cuja visão acabou se baseando na tradição modernista e monumentalista.

Planejar não mais seria encarado como atitude “socialista”, depois da guerra, mas como uma necessidade para a integração de ações e maximização de investimentos, segundo opções necessariamente políticas.

Assim, o Poder Público incentivaria a criação e o desenvolvimento de cursos de Planejamento, fortalecendo-se os procedimentos racionais para a tomada de decisões. A visão globalizante buscada pelo Planejamento resultou num tratamento da cidade como um sistema racionalmente disposto.

- Na questão do planejamento urbano, os enfoques generalizantes ignoravam especificidades do urbano, tanto a nível físico-espacial, sócio-cultural ou microeconômico, sendo que as propostas dos planos tinham pouca relação com a realidade do cotidiano da população.
- Arquitetos formam-se planejadores, buscando nas ciências sociais novos instrumentos para intervir no tecido urbano.
- A dimensão urbanística e a escala vivenciada pelos cidadãos, foi totalmente ignorada.
- As resultantes tinham pouca relação com as características do local (zoneamento era uma mancha colorida, com preocupações estéticas)

Por sua vez, a Arquitetura tampouco mostrava-se com maiores preocupações pelo cotidiano dos cidadãos e pelas especificidades físico-ambientais das cidades.

Com a importância dada ao SÍMBOLO, enquanto transmissor de valores sócio-culturais específicos, os estilos assumiriam prioridade maior na produção arquitetônica burguesa.

Uma postura aliás, bastante coincidente com a situação buscada pelo Mov. Moderno e o International Style.

**O ENSINO E A PRÁTICA DA ARQUITETURA ESTAVAM IGNORANDO PREOCUPAÇÕES VITAIS PARA A QUALIDADE DAS CIDADES, COMO A INSERÇÃO DA OBRA EM SEU CONTEXTO URBANÍSTICO; RESPEITO ÀS TIPOLOGIAS; MORFOLOGIAS; À PAISAGEM; AO SÍTIO E ÀS INTER-RELAÇÕES ENTRE OS VÁRIOS ELEMENTOS URBANOS E SEUS USUÁRIOS.**

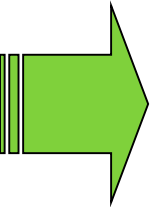
- A Arquitetura, como o Planejamento, não conseguia uma perfeita integração de seu objeto de estudo e trabalho ao “genius loci”, expressão de Norberg-Schulz (1980), que bem expressa o caráter e a identidade de um lugar.
- Outros estudos já começavam a despontar para a importância de um novo redirecionamento da prática da “arquitetura do lugar”
- Assim, o distanciamento das preocupações do Planejamento das da Arquitetura refletiu no espaço vivencial público do cotidiano dos habitantes das cidades \_a dimensão mais evidente para a população\_ revelando o quanto as cidades sofrem com o surgimento deste abismo no tratamento do urbano.

FOI PARA RESPONDER À NECESSIDADE DE COMPLEMENTAR ESTE ABISMO QUE SE IMPÔS O DESENHO URBANO, COM SUAS NOVAS CATEGORIAS DE ANÁLISE E ATUAÇÃO SOBRE O URBANO.

# TEMÁTICAS DE DESENVOLVIMENTO DISCIPLINAR DO DESENHO URBANO

O desenho urbano concentra-se em algumas temáticas de desenvolvimento disciplinar:


- Técnicas e instrumentos de controle do desenvolvimento do meio ambiente construído
- Interpretação de valores e necessidades comportamentais individuais e de grupo
- Desenvolvimento de técnicas operacionais do ambiente urbano
- Resolução de problemas interdisciplinares
- Desenvolvimento dos meios de implementação



PORTANTO, ALÉM DA PESQUISA FUNDAMENTAL EM CAMPOS DISCIPLINARES DIFERENTES, APLICADOS AO AMBIENTE URBANO, ÀS PERCEPÇÕES, AO COMPORTAMENTO E AOS VALORES DA POPULAÇÃO, É FUNDAMENTAL QUE O DESENHO URBANO POSSA DESENVOLVER PROGRAMAS E PROJETOS OPERATIVOS, COM HORIZONTES DE MÉDIO E LONGO PRAZO DE IMPLANTAÇÃO.



- É para que possam produzir resultados significativos, tanto do ponto de vista prático quanto do artístico, os desenhadore urbanos devem se livrar da noção negativa de que seu trabalho ficaria “contaminado” se partissem para a compreensão dos processos decisórios políticos e do mercado de capitais.
- Aquela tradicional postura ingênua, comum aos arquitetos, de tapar o sol com a peneira, quanto aos processos imobiliários e especulativos, não tem vez no campo do Desenho Urbano, sob pena do distanciamento do real e da capacidade de implementação.

- 
- O Desenho Urbano é onde negócios, desenvolvimentos, governo, planejamento e projeto convergem.
  - Seria uma tentativa de substituir a especialização por uma compreensão geral dos processos de produção e apropriação do espaço urbano, alcançada através da combinação de alguns estudos em profundidade com uma maior consciência dos diversos campos disciplinares que possam contribuir para um enfoque mais correto do urbano.


# POR UMA DEFINIÇÃO DE DESENHO URBANO

- Já sabemos que o surgimento do desenho urbano deu-se no “preenchimento do vazio” entre as disciplinas de Arquitetura e Planejamento, cobrindo o campo vivencial mais próximo do usuário dos sistemas e estruturas urbanas.
- Podemos assim, definir as características principais do Desenho Urbano como sendo:
  1. INTERDISCIPLINARIDADE NAS CATEGORIAS DE ANÁLISE
  2. ESSENCIALMENTE FÍSICO-AMBIENTAL


- O desenho urbano pode ser entendido como área específica de atuação do Urbanismo, cabendo no Brasil uma total reavaliação acadêmica do Urbanismo aplicado nas instituições, tratado de forma extremamente limitadora.
- Entende-se que ele deveria tratar a cidade de maneira interdisciplinar, preocupado com a organização ambiental e dos processos sociais das cidades. Tratar dos ambientes urbanos \_a cidade\_ como um todo, e das políticas e programas a ela aplicáveis.
- Nesse sentido os urbanistas deveriam ser arquitetos, engenheiros, geógrafos, sociólogos, psicólogos, médicos, sanitaristas, biólogos, ecologistas, e tantos outros profissionais que têm na inter-relação entre o urbano e a população as suas preocupações fundamentais.

# Características Básicas de Atuação do Desenho Urbano

- ESCALA ESPACIAL: o espaço entre os edifícios, o bairro, locais das atividades do cotidiano
- ESCALA TEMPORAL: transformações e evolução, meio ambiente como processo, programas e linhas de ação
- INTERAÇÕES HOMEM/MEIO AMBIENTE: campo onde usuários e grupos sociais são identificáveis, análise destas realizações e das transformações

- 
- **CLIENTE MÚLTIPLO:** negociações e conciliação de interesses, o profissional como animador ou catalisador
  - **MULTIPROFISSIONAL:** capaz de compreender as capacidades e os limites de outras profissões e de coordenar suas ações em relação à dimensão físico-espacial do urbano e sua funções
  - **MONITORAÇÃO/ORIENTAÇÃO:** capacidade de controle de desenvolvimento urbano e de dirigir o processo de transformação de uma área ou da cidade

- Kevin Lynch buscava inserir em suas preocupações de pesquisa tanto a dimensão físico-ambiental quanto a temporal, na idéia de gerenciamento do habitat e de seus efeitos cotidianos e experiências de seus cidadãos.
- Segundo este autor, o Desenho Urbano é *“a arte de criar possibilidades para o uso, gerenciamento e forma de assentamentos ou de suas partes significantes.*
- Ele lida com padrões no tempo e no espaço, tendo sua justificativa na experiência cotidiana humana destes padrões. Não lida exclusivamente com coisas grandes, mas também com políticas para coisas menores\_ como bancos, árvores ou o sentar em pórticos e entradas\_ quaisquer aspectos que afetem o performance do assentamento.
- *O City Design se preocupa com objetos, atividades humanas, instituições de gerenciamento e processos de transformação” (LYNCH, 1981)*

- 
- Podemos finalizar definindo o desenho urbano como: o campo disciplinar que trata a dimensão físico-ambiental da cidade, enquanto conjunto de sistemas físico-espaciais e sistemas de atividades que interagem com a população através de suas vivências, percepções e ações cotidianas.
  - Procura-se tratar da produção, da apropriação e do controle do meio ambiente construído, processos estes que estão, necessariamente permeados pela dimensão temporal.



# PROCESSO DE PLANEJAMENTO E DESENHO URBANO

- Vimos que o desenho urbano deve ser encarado muito mais como processo do que como projeto acabado.
- Realmente, o gerenciamento físico-ambiental da cidade e de seus processos de transformações, como nos demonstram diversos estudiosos, estão muito mais ligados a uma atividade de planejamento do que de arquitetura.
- Dessa forma, o desenho urbano deve sempre permear o processo de planejamento, desde a elaboração dos objetivos gerais até a consecução de suas estratégias e recomendações específicas. A preocupação pela qualidade físico-espacial do meio ambiente deve nortear os esforços do setor público e, ao mesmo tempo, ser produto destes esforços.

- O processo de planejamento, ao ser permeado sempre pela dimensão do desenho, embute um processo constante de idas e vindas.
- Não existe um momento exato para começar a pensar em Desenho Urbano, devendo esta preocupação fazer parte da administração das cidades, gerando uma inter-relação dinâmica e constante entre planos e projetos. Desta maneira, estar-se-ia evitando um dos equívocos relativos à ordenação de nossas cidades.
- Elaboração de objetivos, planejamento, desenho, implementação e administração, devem ser compreendidos como intimamente inter-relacionados.
- Os planos determinam e influenciam o físico-ambiental, tanto quanto o Desenho Urbano deve influenciar a elaboração dos planos e seus objetivos.

- Alguns trabalhos como o de **CHRISTOPHER ALEXANDER**, (*Uma linguagem de padrões*) foram desenvolvidos com o objetivo de possibilitar a geração da forma construída, seja arquitetura seja cidade, com a qualidade de construir o *genius loci* .
- Para tanto foram desenvolvidos 253 tipologias ou padrões de linguagem, plenamente interligados, através dos quais é possível uma infinidade de combinações. Esses padrões nada mais são do que critérios filosóficos que amoldam o desenvolvimento de projetos e programas.
- Neste trabalho, aceita-se que a principal qualidade do desenho das cidades do passado é a unidade do todo, uma unidade “orgânica” perdida na cidade moderna, que se refletia em todos os seus detalhes.

- **KEVIN LYNCH**, possui uma postura semelhante, desenvolvendo uma teoria sobre a boa forma urbana, denominando dimensões de performance, ou seja, grandes valores ou metas para o Desenho Urbano que se respeitadas semeariam o caminho para ambientes urbanos de qualidade. Veremos algumas delas:

❖ **VITALIDADE**: grau em que a forma apóia as funções humanas vitais; dimensão ligada diretamente a nosso bem-estar físico

❖ **SENSO**: grau em que o assentamento é percebido, compreendido e estruturado mentalmente em termos espaciais e temporais

❖ **CONGRUÊNCIA**: capacidade da forma e dos espaços apoiarem ações, comportamentos e atividades sociais e humanas

- ❖ **ACESSO:** possibilidade de alcançar outras pessoas e todos os lugares do assentamento
- ❖ **CONTROLE:** grau em que os habitantes controlam a produção, o uso e a gerência do ambiente construído
- ❖ **EFICIÊNCIA:** relação custo-benefício de criar e manter o assentamento
- ❖ **JUSTIÇA:** forma pela qual os benefícios ambientais são distribuídos pela população.

# O Processo de Desenho Urbano: Experiências

- Muito se discute sobre as dificuldades de implementação de critérios, normas e projetos que busquem verdadeiramente a qualidade físico-ambiental das cidades. Para muitos, isto seria impossível dentro do contexto de uma economia de mercado, onde todos os investimentos sempre buscam lucro máximo.
- Evidentemente tudo depende da co-relação de forças e o resultado ambiental será sempre politicamente determinado, podendo-se entretanto criar uma situação de responsabilidade social do Poder Público, que resguarde os interesses da população e do empresariado.

Algumas cidades européias e americanas são exemplares nesta questão, conseguindo esta situação de compromisso entre os diversos grupos de interesse que se expressam sobre a dimensão físico-ambiental urbana.

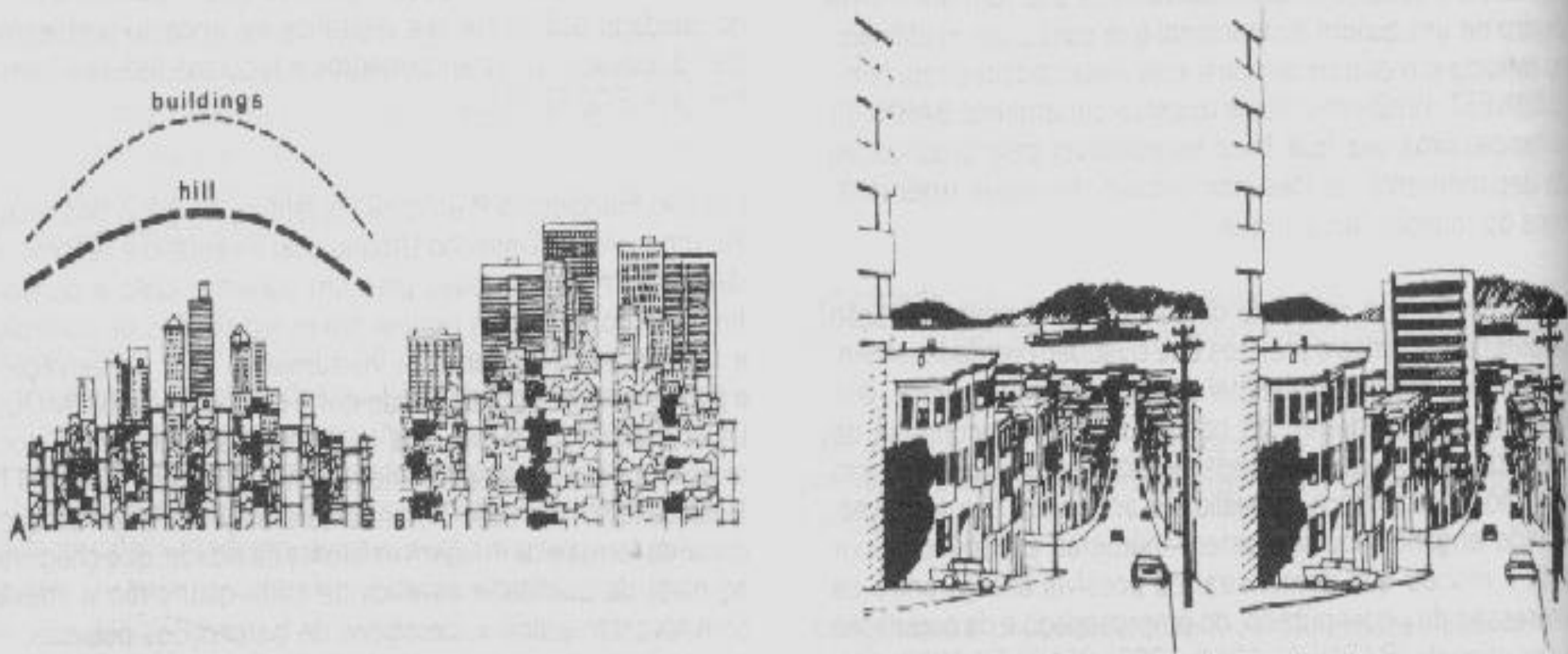
Experiências bem sucedidas repercutem na Inglaterra, Alemanha, Holanda, França, Estados Unidos da América, sendo neste país, os casos de São Francisco e Nova Iorque, os mais significativos.

- Em **SÃO FRANCISCO** a Prefeitura implantou, no início dos anos 70, um plano de Desenho Urbano cujas recomendações tornaram-se base para um conjunto consistente de políticas para nortear novas legislações de controle e usos do solo.
- Partindo de um aprofundado estudo inicial da forma e da imagem existente na cidade, a equipe pode gerar um conseqüente inventário de princípios de desenho, cujas categorias adotadas foram as seguintes:

1. Clareza e conveniência
2. Harmonia e capacidade
3. Escalas e tipologias / interesse visual
4. Caráter / individualidade / definição do espaço
5. Atividades
6. Amenidades / conforto
7. Variedade / contraste







*Figura 36 - Relações entre a dimensão físico-espacial do desenho urbano e a topografia local no Plano de São Francisco*

- Já no caso de **NOVA IORQUE**, cidade de conhecida intensidade de desenvolvimento urbano, e ação do capital imobiliário, os casos são bastante complexos, refletindo a predominância do mercado, mas os resultados nos são extremamente significativos.
- A cidade havia sido pioneira em regulamentação de usos do solo em 1916, e na implantação do “zoneamento de incentivos”, dando início à negociação entre Poder Público e empreendedores.
- No final dos anos 60, institui-se a prática do Desenho Urbano no Departamento de Planejamento da Prefeitura da cidade, desenvolvendo-se experiências de negociações entre Poder Público e empresários.
- Um dos mais bem sucedidos e populares projetos é o do distrito histórico de South Street Seaport em Manhattan, uma mescla dos instrumentos distrito especial, preservação histórica e solo criado.



Vista geral de MANHATTAN onde se indetificam os prédios tipo “bolo de noiva” volumetria resultante do zoneamento de 1916







SEASIDE

INDIE  
RY

SEASIDE  
REAL BEER

THE SEAPORT

SEASIDE

ALFRED  
DREY

AMERICAN

AMERICAN

AMERICAN

SEASIDE

SEASIDE



PIER 17

NEW YORK WATER TAXI

Brooklyn becomes a nice little sleepy town. Bedrooms > IKEA



# INNER HARBOR, BALTIMORE, EUA



*Figura 43 - Perspectiva da área central de Baltimore, EUA, mostrando os volumes de construção previstos (em branco) e as edificações a serem recicladas (linha envoltória branca), em 1979*





Andrew G. Clem







CITY PIER

BROADWAY

M

WOLAN





**DESENHO URBANO  
NA FAVELA DA MARÉ  
Rio de Janeiro**



# DESENHO URBANO NA FAVELA DA MARÉ

- O Rio de Janeiro também apresenta exemplos de propostas de desenho urbano alternativas, como a realizada pelo arquiteto Vicente del Rio em 1981 para a Favela da Maré.
- Em tal estudo estudou-se as características do assentamento de forma a compreender seu desenvolvimento, sendo que o estudo morfológico revelava-se ideal para poder compreender o estado físico-espacial do local.
- Como o objetivo era uma proposta de desenho alternativo ao oficial do BNH, conformou-se uma base par definir padrões de desenho a se adotar e decisões projetuais, como a definição da malha viária ou tipologia dos novos quarteirões. Adotou-se também como grandes diretrizes para a proposta final aquelas indicadas por LYNCH, para atingir uma “boa forma urbana”, ou seja a melhor resposta possível às necessidades de seus habitantes.

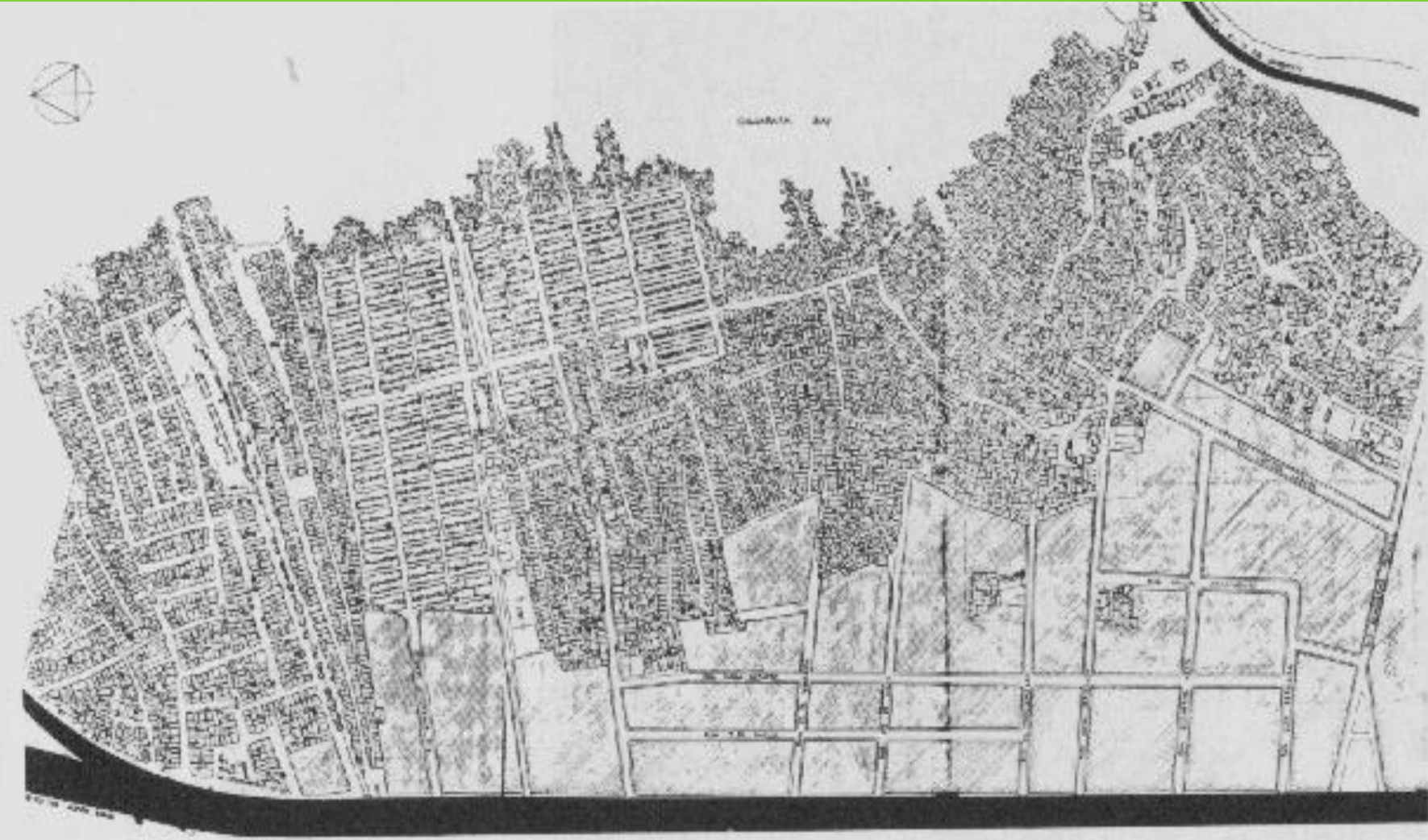


Figura 1.2 - Planta do cadastro físico da Maré, 1980







*Figura 1.3 - Foto aérea da ocupação sobre palafitas*





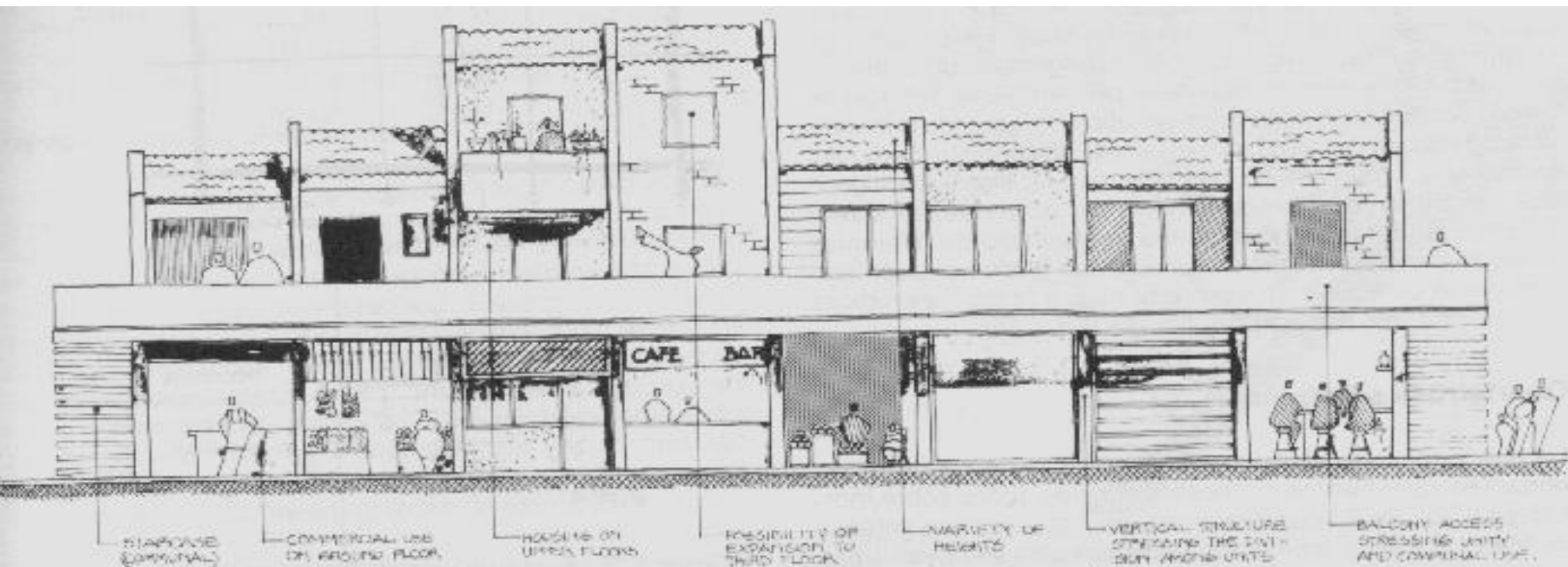


Figura 1.14 - Estrutura-suporte composta de módulos para comércio, serviços (térreo) e apartamentos



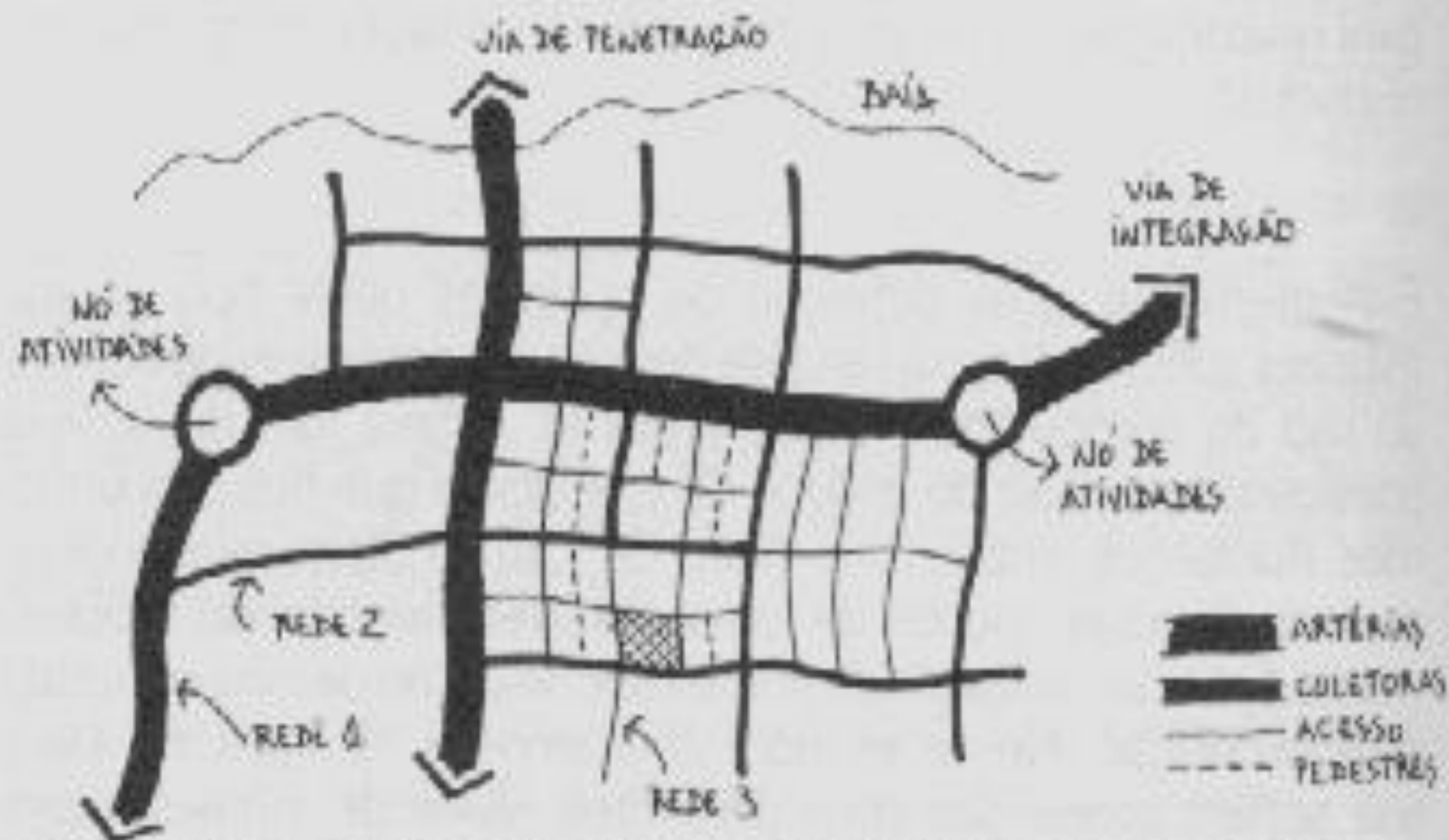
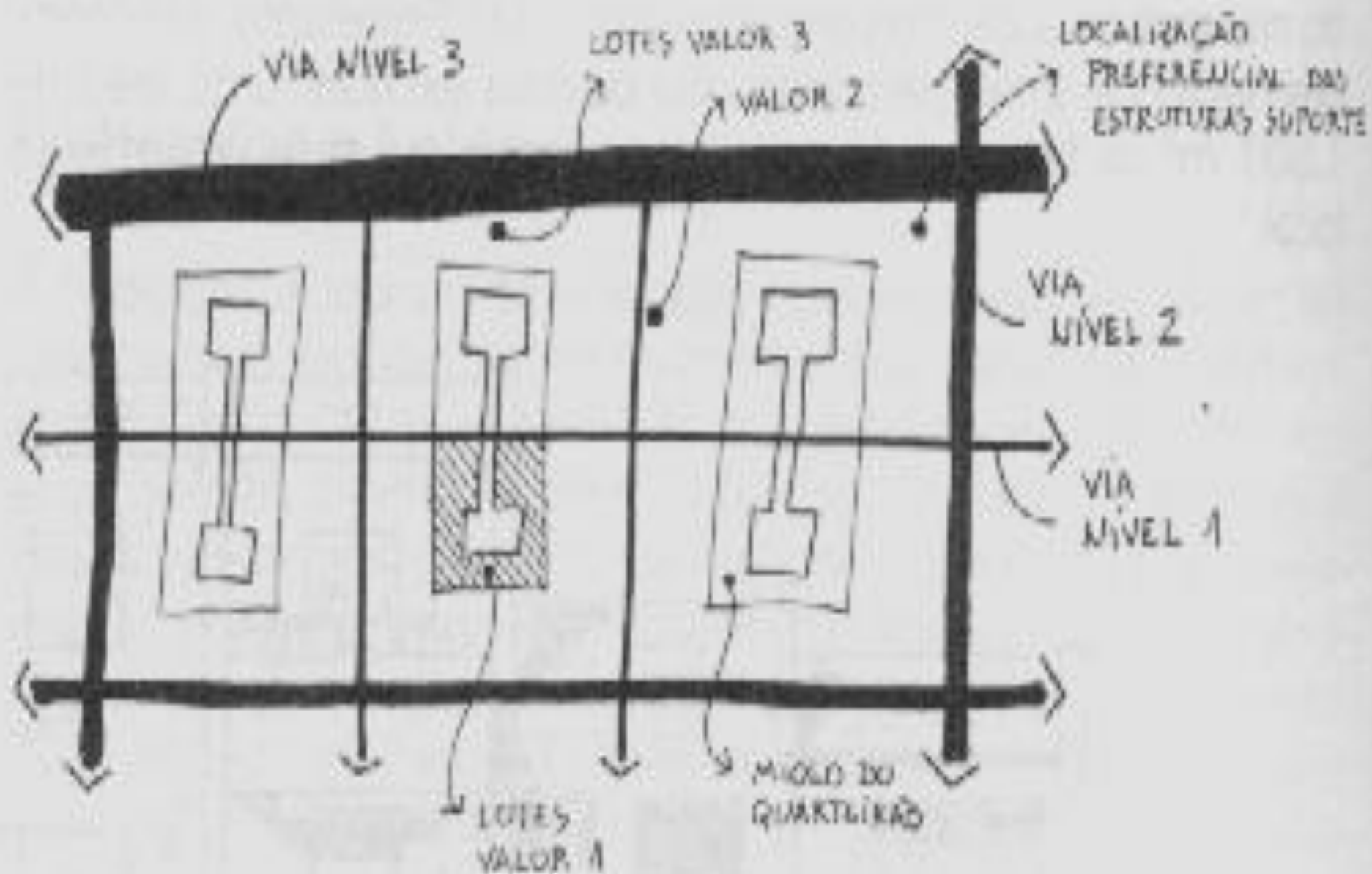
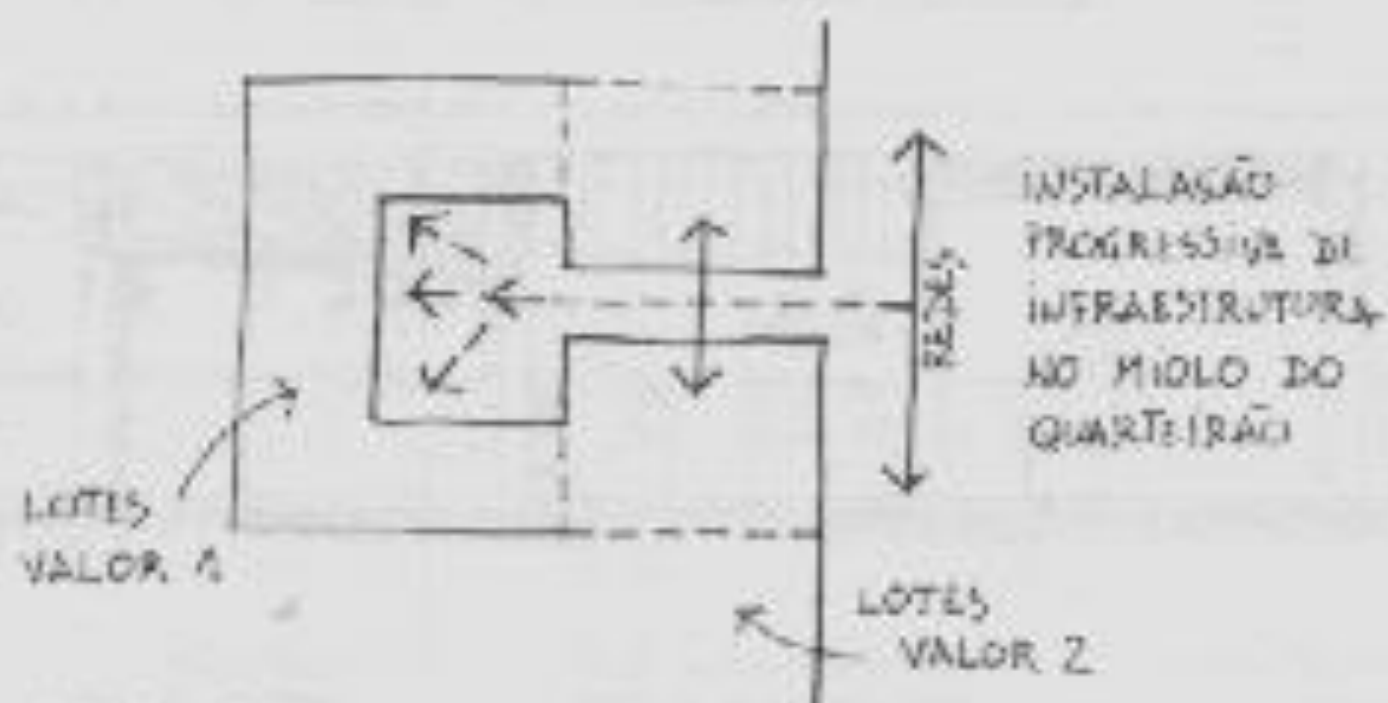


Figura 1.15 - Esquema das diretrizes para a composição da malha viária





*Figura 1.16 - Esquema setorial de composição loteamentos/sistema viário, redes de infra-estrutura e valores*



Figura 1.19 - Plano geral simulado

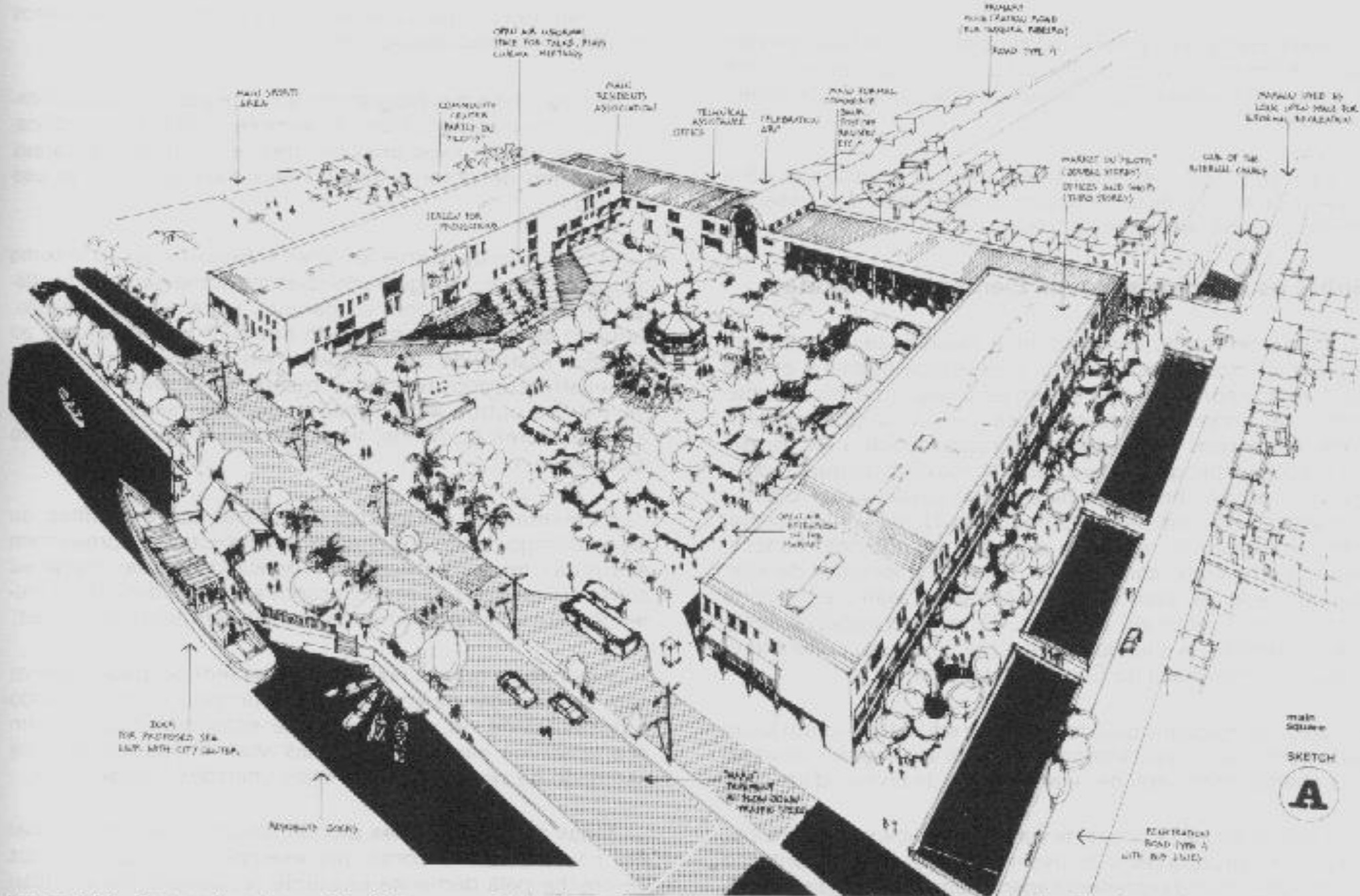


Figura 1.20 - Perspectiva de cenário físico-espacial da Praça Central, proposta para o fim da Rua Teixeira Ribeiro na área de aterro: um lugar central do conjunto Mará celebrando a simbiose com a Baía



Na época em que o Rio de Janeiro sediou os Jogos Panamericano (PAN), em 2007, autoridades governamentais queriam cercar as favelas, com o chamado “Muro da Vergonha”. Desta vez com a chegada da Copa do Mundo, em 2014, e das Olimpíadas, em 2016, o assunto voltou.. é isso mesmo, voltou e já está sendo construído pelas beiradas da Linha Vermelha na altura do Caju, mas agora com a desculpa de “abafar o som”, “proteger os moradores do barulho dos carros das principais vias”, disse o prefeito Eduardo Paes em entrevista a pouco tempo na TV.

É importante lembrar que na mesma época em que a ideia dos “Muros” apareceram em 2007, muita remoção e despejo surgiram também, assim como na comunidade de Mandacaru, na Maré, em que o prefeito dava na mão de cada família R\$ 800 por cada barraco. Sem contar na Força Nacional que invadiram as favelas e reprimiram os moradores com o forte armamento e tanques de guerra. Algo parecido passamos agora, muita remoção, como o caso da Vila Autódromo, em que sua retirada já foi confirmada pela própria prefeitura, muito despejo, como o caso de muitas ocupações do centro da cidade, e muito extermínio, algo que acontece diariamente nas comunidades mais pobres. O que significa que a história apenas se repete, com discursos diferentes, mas com práticas muito parecidas.

<http://leccufrij.wordpress.com/2010/03/16/muro-da-vergonha-volta-a-ser-construido-na-mare/>

# Praças em Juiz de Fora



# PRAÇA SÃO MATEUS





# PRAÇA DA BALEIA





# PRAÇA DA IGREJA MEOQUITA









# PRAÇA DO BOM PASTOR



